



UNICAMP

**EVENTO:** "MÁRIO DE ANDRADE FAZ UMA CURTA REVOLUÇÃO EM SANTOS"  
**VEÍCULO:** FOLHA DE SÃO PAULO  
**DATA:** 16 de Setembro de 96  
**PÁGINA:** 4-3  
**SEÇÃO:** ILUSTRADA



ÓPERA CRÍTICA

# Mário de Andrade faz uma curta revolução em Santos

JOÃO BATISTA NATALI  
enviado especial a Santos

"A arte é filha da dor." A frase é de Mário de Andrade (1893-1945) e se refere ao libreto de "Café", concluído por ele em 1942, e que teve suas três primeiras récitas mundiais, em Santos, só neste último fim-de-semana.

A dor à qual ele se refere — a das classes oprimidas em meio a uma profunda recessão — pode encontrar canais de crueza explícita ou de doce sutileza de expressão.

Pois a ópera "Café" se tornou, em sua primeira montagem, o en-

contro dessas duas receitas.

O texto de Mário faz do enredo um panfleto, um manifesto político, um episódio da luta de classes com seu "previsível" desdobramento: uma revolução ocorrida, com a crise de 1929, a partir da união de colonos dos cafezais e trabalhadores da estiva.

Mas, para fazer daquela ópera uma encenação polissêmica, para implodir a ilusão do direcionamento único dos sentidos, havia a música só agora composta de Hans Joachim Koellreutter, 82.

É ele, no fundo, que se manteve fiel à proposta modernista, da qual

Mário de Andrade — o teórico, não o panfletário — é historicamente um grande mentor.

A direção cênica de Fernando Peixoto oscilou entre as palavras do autor do texto e os sons do autor da música. A gramática dodecafônica é a menos apropriada aos hinos revolucionários. Mas o libreto traz o germe do épico do qual é impossível fugir.

Nesse entrelaçamento de conflitos estéticos que se sobrepõem ao conflito do enredo, nasce no mínimo um grande espetáculo, que, lamentavelmente, só existiu em curtíssima temporada, patrocinada

pela Prefeitura de Santos.

A orquestra sinfônica, dirigida por Luís Gustavo Petri, encarnou sem grande esforço a fórmula melódica de Koellreutter.

Os coros — personagens coletivos que compõem a história — em alguns momentos deixaram de demonstrar familiaridade com os encaideamentos melódicos que, para os padrões hegemônicos, têm a aparência de uma sucessão de dissonâncias.

Mas o espetáculo se sustentou sem grandes sustos, para o público ou para as quase 140 pessoas nele envolvidas ao mesmo tempo.

Havia como singeleza eloquent o cenário de Gianni Ratto, e, complemento da mais absoluta maturidade e maior naturalidade no meandros técnicos, a voz da soprano alemã Margarita Schack única solista vocal, no papel de Mãe do Povo.

A estréia sob a forma originariamente recomendada de um trabalho inédito de Mário de Andrade teria sido um acontecimento.

Foi, no fundo, mais que isso. O público reencontrou Santos na história, os melômanos, uma música forte. E as esquerdas tiveram um encontro com seus sonhos.